

Pessoas que fazem a diferença em Sergipe¹

Mairon Hothon do Nascimento TORRES²
Edson Ramos de Oliveira COSTA³
Juliana Correia Almeida e SILVA⁴
Universidade Federal de Sergipe – UFS

RESUMO

A reportagem “Pessoas que fazem a diferença em Sergipe”, é fruto de uma atividade laboratorial de Telejornalismo II da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Antes pensada como um simples exercício acadêmico, decidimos ir além e submeter este trabalho para ser avaliado por mais profissionais da Comunicação, como forma de ampliar nossos horizontes teóricos e práticos e também fazer conhecidos nossos esforços. Por meio desta tele reportagem, pudemos dar voz a dois personagens que nem sempre aparecem nos grandes canais de televisão do nosso Estado, mas fazem toda a diferença em seu contexto social. Também foi uma oportunidade de colocar em prática o que aprendemos nas gramáticas de Telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo, Reportagem, Diferenças, Pessoas, Sergipe.

1 INTRODUÇÃO

A televisão significa o mundo em sua casa e nas casas de todas as pessoas do mundo. É o maior meio de comunicação jamais desenvolvido pela mente do homem. Ela fará com que se desenvolva uma boa vizinhança e trará a compreensão e a paz sobre a terra, mais do que nenhuma outra força material no mundo atual. (Hutchinson, 1946, p. 78 *apud* BRASIL, 2005, p. 29)

A influência da TV em nossa sociedade tem sido uniformemente maligna, e não existe um único problema social com que nos deparemos que não tenha sido causado ou exacerbado pela televisão [...]. Acredito que só exista uma cura para a doença social que a televisão causou: abolição. A apreensão e destruição de todos os aparelhos de TV, estações de TV e arquivos de videotape seria um grande passo na estrada de volta para a sanidade do mundo. (Professor Phd apócrifo, citado em Hoineff N., 1996, p. 107, *apud* BRASIL, 2005, p. 29).

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom Nordeste 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 10 Reportagem em Telejornalismo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º período do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo/UFS, e-mail: maironhothon@gmail.com

³ Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo/UFS, e-mail: edson_rocosta@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo. Mestre em Ciências Sociais pela UFS. E-mail: julianaradiotv@gmail.com

As duas colocações aqui expostas, citadas por BRASIL (2005) revelam uma divergência de opiniões sobre a televisão: enquanto a primeira revela um otimismo bem intencionado, mas mal fundamentado, sobre a televisão recém-criada, em meados de 1940, a segunda mostra um ceticismo ácido que não leva em consideração os benefícios do aparelho. Mas, o que essas perspectivas mostram é uma preocupação em refletir os efeitos sociais que a televisão pode trazer.

O teórico Antônio Brasil afirma que a TV possui um amplo poder de influência social, podendo transformar em informação tudo que transmite, seja algo esportivo, cultural ou social (BRASIL, 2005, p. 32). Dessa forma ele abre espaço para a discussão do poder de influência do jornalismo feito especificamente neste meio de comunicação, que é o foco do trabalho desenvolvido por esses estudantes de Comunicação Social.

Em 2002, o teórico Antônio Brasil afirmara não haver um único manual de telejornalismo feito pelas empresas de comunicação que conduzissem à prática (p. 143), tal qual existe para o Jornalismo Impresso ou Jornalismo de Rádio. E mesmo os esforços teóricos sobre o telejornalismo, enquanto prática, esses seriam isolados. Como prática disciplinar em sala de aula, nós aprendemos os fundamentos teóricos e as normas técnicas preliminares do Telejornalismo por meio das gramáticas já publicadas por teóricos do meio da comunicação, como PATERNOSTRO (2006) e BARBEIRO (2001), apreendidos assim na matéria de Laboratório em Telejornalismo I.

Com a disciplina seguinte, Laboratório em Telejornalismo II, restou o desafio de pensar as práticas do Jornalismo de TV a partir do seu alcance e em prol dos seus efeitos sociais. Devido às limitações técnicas e também como proposta da disciplina, nós deveríamos construir um produto contendo técnicas e linguagens do telejornalismo, além de incorporar a noção de efeitos e responsabilidades sociais da informação disseminadas nas ondas da tevê: algo amplo, sem ser totalmente bom ou totalmente ruim.

2 OBJETIVO

Inicialmente, o objetivo dessa reportagem era ser apresentada como pré-requisito avaliativo da disciplina ‘Laboratório em Telejornalismo II’, ministrada pela professora Juliana Almeida, no qual fomos orientados a produzir uma matéria de televisão que focasse exemplos de pessoas que de alguma forma fazem a diferença em nosso contexto social.

Como essa seria a nossa segunda experiência prática, e por já conhecermos a linguagem, técnica e estética do telejornalismo, todo o processo ficou por nossa responsabilidade.

Diante da atividade a ser desenvolvida, decidimos trabalhar com personagens que chamassem a atenção do público e que transmitissem a mensagem de forma comparativa para o melhor entendimento. Escolhemos, portanto os personagens Almir do Picolé (ambulante e administrador de uma creche) e Almir Santana (médico e coordenador do programa de DST/Aids de Sergipe) para fazer uma referência a esses dois personagens que até então nunca foram comparados dentro de uma mesma matéria jornalística publicada no Estado.

Passado o período curricular da disciplina e impulsionado pela vontade de ampliar nosso trabalho, por acreditar na qualidade do produto e também para ele ser avaliado por outros profissionais, decidimos ir além e apresenta-lo no XX Prêmio Expocom 2013 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação.

3 JUSTIFICATIVA

“O telejornalismo no Brasil é muito mais dramático do que factual. Organiza-se como ficção, e uma ficção primária: tem suspense, tem lição de moral, tem mocinhos e bandidos, os ‘do bem’ e os ‘do mal’, como desenho animado de super-heróis” (BUCCI, 1997, p. 49). No contexto de sua crítica, originalmente publicada em 1995, Bucci critica a forma como o telejornalismo constrói a sua narrativa, muito próxima à ficção. Entretanto, SQUIRRA (1989) faz questão de ponderar determinadas limitações naturais do meio, como os erros jornalísticos, sendo eles igualmente cometidos por outros meio de comunicação, sendo algo natural e consequente (SQUIRRA, 1989, p. 55).

Squirra também se preocupa em fundamentar a importância da informação e as possibilidades de adquiri-la através da tevê. “O acesso à informação é fundamental para a vida do homem comum, já que se trata do exercício de sua cidadania e do pleno usufruto de seus direitos como integrante da sociedade.” (SQUIRRA, 1989, p. 48). É por meio dessa perspectiva que o tema e a linguagem da matéria “Pessoas que fazem a diferença em Sergipe” foram escolhidos.

As atitudes dos dois personagens principais não envolvem direitos e deveres exigidos em lei: eles não precisavam ter feito nada do que fizeram. Mas, por isso mesmo, tem-se o apelo positivo do tema, e a satisfação de uma das limitações do trabalho: ter que noticiar um caso atemporal em detrimento de uma cobertura factual, tão mais comum ao telejornalismo. E, conforme afirma SQUIRRA (1989), a notícia também deve ser interessante (p. 78), o que nos permitiu literatizar o texto do vídeo pela curiosa coincidência dos nomes.

Na condução da matéria, as técnicas de entrevista necessitaram de um estímulo às fontes não apenas para saber suas histórias, mas para que elas pudessem expressar o que sentiram e sentem por causa de seus atos, algo que o texto de um jornalista não poderia demonstrar. Conforme BRASIL (2002), “entre o texto e a imagem devemos sempre escolher o ‘telejornalismo’, ou a união criativa de duas linguagens interdependentes” (p. 137). Também é válido citar GREEN (1973, p. 223 *apud* SQUIRRA, 1989, p. 86), quanto ao uso da psicologia que o repórter de televisão precisa ter no contato com entrevistados mais do que jornalistas de outros meios.

Por meio deste trabalho, reafirmamos as possibilidades da televisão enquanto linguagem, o seu direito de uso pela criatividade jornalística em detrimento de falhas inerentes ao meio, e a promoção da cidadania consciente por meio do exemplo de cidadãos em situações opostas, mas em atitudes igualmente louváveis. Também foi experimentada uma alternativa à cobertura majoritariamente factual do telejornalismo, aproveitando-se de uma limitação. Mas apesar de aparentemente pretencioso, a concepção do trabalho seguiu como afirma Yorke: “uma postura descomplicada – alguns diriam simplista – em relação à sua arte” (1998, p. 76).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A tele reportagem intitulada “Pessoas que fazem a diferença em Sergipe”, foi dividida em quatro fases características do trabalho jornalístico (produção da pauta, reportagem, edição e apresentação) que resultou em um produto de 2’21”. O nosso intuito foi de explorar sensações e valores além da notícia e informação, enfatizando assim, através de textos e imagens, emoções intrínsecas ao tema da tele-reportagem (carisma, bondade, felicidade, solidariedade). Com este intuito, foi-se estabelecida uma relação lógica, e até incidental, entre os nomes de ambos protagonistas da matéria, os Almiros, sujeitos que fazem a

diferença no contexto social do qual estão inseridos. Essa abordagem nos permitiu mergulhar em dois contextos totalmente diferentes, poder até ‘brincar’ com a linguagem e também improvisar o produto pela quantidade mínima de imagens que tínhamos.

No segundo passo, filmagem dos locais e personagens, o cinegrafista Manoel Gonçalves utilizou uma câmera de vídeo marca Sony Z7, com Sensor CMOS, tamanho LCD 3.2 polegadas, suporte de gravação HDV / miniDV, zoom óptico 12x, velocidade máxima do obturador 1/10000 e velocidade mínima de obturador 1/3. A gravação aconteceu com a lente fixa da câmera, em um formato 3x4 (formato de tevê com recepção analógica) em 600 a 700 linhas. Não se fez necessária a utilização de qualquer iluminação artificial, uma vez que todas as gravações foram feitas durante os períodos matutino e vespertino e todos os ambientes usufruíram de iluminação natural suficiente para gravação.

A captação de áudio, sincrônico, foi realizada por dois dispositivos: o microfone ambiente, frontal, acoplado sobre a própria câmera e, em situação de entrevista e na passagem do repórter, um segundo microfone; um lapela direcional, que posto próximo a boca dos depoentes permitiu-nos uma maior qualidade e “pureza” na captação das falas (com esse microfone prioriza-se a captação da fala, de forma direcional, e tem-se menos interferência do som ambiente). Durante a edição da reportagem, o programa utilizado – que será referenciado a seguir – permitiu-nos optar pelo áudio captado pelo microfone ambiente, apenas pelo lapela, ou pela combinação de ambos. Esse recurso deu-nos a possibilidade de optar pelo som mais adequado a cada situação.

Os planos de captura utilizados foram: o plano americano, aquele que enquadra o personagem acima dos joelhos e/ou abaixo da cintura, para a passagem do repórter Mairon Hothon, e plano médio no entrevistado Almir do Picolé. Os planos americano e médio dão abertura para apreciação do cenário, pois, nesses casos, eles dialogam diretamente com o tema abordado. Na passagem, o repórter está próximo à placa da instituição gerenciada por Almir do Picolé e o movimento de câmera, *zoom out*, apresenta para o espectador o local de onde o repórter Mairon Holthon fala. Esse recurso de localização espacial atende à necessidade documental do conteúdo jornalístico, é uma forma dizer à audiência que o repórter esteve “ali”, *in locu* e colheu a informação ele mesmo, portanto é testemunha daquele fato. O plano médio, no qual o personagem Almir está enquadrado, dá ênfase

também ao ambiente no qual ele está inserido, bem como à sua camisa, que traz o nome do projeto social que ele encabeça. Já para o médico Almir Santana a tomada privilegiou o close-up e primeiro plano, onde são focados os detalhes e rosto do personagem, recurso que permite grifar as expressões e emoções do sujeito em cena. Para cenas da cidade e fachada da creche, os movimentos panorâmicos (vertical e horizontal) foram escolhidos como forma de descrever o cenário. Pela carência de imagens, utilizamos imagens em *JPEG* cedidas pelos próprios personagens.

O terceiro passo aconteceu no estúdio da Rádio UFS FM (92.1 MHz), onde o operador técnico Carlos Barreto capturou a voz do repórter Mairon Hothon com o aplicativo Sound Forge e Sony Vegas, considerados eficientes para gravação de sons, mixagem de canais e efeitos além de também de masterizar faixas de até 32 canais de áudio.

O quarto e último passo, a montagem linear da matéria, foi realizado na ilha de edição, feita em um computador iMac da Apple, com o programa *Final Cut Pro X*, para os cortes de imagens e *offs*, e *Adobe After Effects CS5*, para colocação das tarjas de identificação nos personagens que apareceram no vídeo. Esses programas de edição linear/ digital são os mais comuns utilizados no telejornalismo contemporâneo. A Rede Globo, bem como suas afiliadas e sucursais, optam pela plataforma iMac e pelo Final Cut, devido à sua qualidade, dinâmica e eficiência. Durante os *offs* do vídeo, foi posto como BG (*back ground*) uma música instrumental da banda *Bixiga 70*.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para a construção da reportagem “Pessoas que fazem a diferença no Brasil”, produto este que serviu como atividade extracurricular da disciplina Laboratório em Telejornalismo II, nós alunos fomos desafiados a construir uma reportagem em formato televisivo com personagens sergipanos que de alguma forma fazem a diferença em nossa sociedade. Para tanto, nós ficaríamos com a total responsabilidade da construção do projeto, e a Universidade entraria com o processo técnico-operacional, ou seja, com um cinegrafista e uma editora de vídeos.

Inicialmente decidimos fazer uma comparação, que depois até virou um texto teatral no vídeo, com dois importantes nomes da cidade de Aracaju (SE) e região Metropolitana.

Almir Santana, um médico sanitarista, e Almir Almeida Paixão, o Almir do Picolé, que vende sorvetes e picolés pelas ruas da cidade, dois personagens que realizam trabalhos solidários dentro do seu campo de atuação. De forma muito interessante e que serviu até como coincidência durante a preparação do texto, foi saber o significado do nome Almir: pessoa nobre e carismática. Para melhor situar o leitor o porquê dessa escolha, faz-se necessário explicar qual o papel de cada um.

José Almir Santana após se formar em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe, em 1981, decidiu trabalhar como médico sanitarista nos bairros mais carentes da capital sergipana. Até 1987, nunca havia se constatado no Estado qualquer caso do vírus HIV, até que um auxiliar de enfermagem vindo de São de Paulo estava infectado com a doença. Durante uma entrevista para este artigo, ele contou que nem os médicos e hospitais da época queriam receber esse paciente e que a cidade estava em um verdadeiro “estado de alerta”. O médico também conta que logo depois, outro caso também foi confirmado, o de uma jovem que estava tendo que dormir em um galinheiro porque os familiares estavam com medo de pegar o vírus.

“A partir desse momento, eu decidi me dedicar a acolher essas pessoas e lutar contra o preconceito. Nessa época, meu nome começou a ser divulgado na imprensa e eu fui conhecido por diversos nomes como Doutor das Bichas, Doutor das Putas e Doutor AIDS entre outras formas preconceituosas. Aos poucos, os pacientes da minha clínica particular também sumiram e eu não conseguia dinheiro nem para pagar o aluguel da sala, tive que desistir do atendimento particular. Na época, os próprios governantes também não davam atenção ao caso, mas não recuei da luta contra essa doença”. (SANTANA, Almir. 2012, Entrevista oral para a pesquisa).

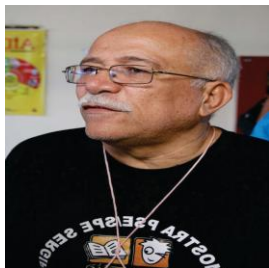
Hoje o Dr. Almir Santana com 59 anos é o gerente geral do programa estadual de DST/Aids para Sergipe e professor de Biologia em algumas escolas particulares da cidade, algo que já desempenha há mais de 30 anos. Através da gestão do médico, foram criados os Centros de Referência para tratamento da doença e com isso, muitos dos infectados conseguem levar uma vida normal na sociedade.

O outro personagem da nossa história chama-se Almir Almeida Paixão, um vendedor ambulante na cidade de Aracaju que administra uma creche (Creche Ação Solidária Almir do Picolé) para mais de 80 crianças do bairro Piabeta, um dos mais carentes da cidade de Nossa Senhora do Socorro (SE). Na instituição, as crianças passam o dia inteiro, onde lá se

alimentam, brincam, têm aulas das disciplinas básicas entre outras atividades. Durante as datas festivas, ele realiza encontros e distribui brinquedos e alimentos para a comunidade.

Almir do Picolé conta em entrevista para o artigo, que foi muito pobre quando era criança, chegou a morar na rua, foi abandonado pelos pais, não teve condições de estudar e terminou sua infância em um abrigo da Prefeitura. Hoje, com apenas o ensino fundamental completo, ele se divide entre o emprego de vendedor ambulante de picolés e administrador da creche.

“Faço isso porque gosto de ajudar as pessoas e não quero que esses pequeninos tenham o mesmo caminho que eu tive. Hoje toda a creche se mantém por meio das doações das empresas e políticos, e eu não levo nenhum centavo com isso, mas pago todos os funcionários com um salário”, (PICOLÉ, Almir. 2012, Entrevista oral para a pesquisa).



Legenda: Almir Santana (esquerda) e Almir do Picolé (Direita)
Fotos: Divulgação/Arquivo Pessoal

Após a escolha dos dois Almires como personagens da reportagem, fomos à fase das pesquisas bibliográficas e uma formatação inicial de como poderíamos construir o texto. Marcadas as entrevistas para dois dias de gravação, de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e da escala do cinegrafista do Departamento de Comunicação Social (DCOS), Manoel Gonçalves, priorizamos os horários vespertinos, pois nesses turnos os Almires estariam em horário de trabalho, dando uma maior veracidade e familiaridade à narrativa. A primeira sonora aconteceu no prédio da Secretaria Estadual da Saúde, em Aracaju, e a outra na Creche Solidária, em Nossa Senhora do Socorro.

Na entrevista com o médico Almir Santana, conhecemos um pouco da história dele, dos prêmios já conquistados pelos trabalhos prestados à sociedade e algumas fotos antigas. Durante a entrevista optamos pelo microfone de lapela por não haver necessidade da exposição do microfone direcional, de mão. A lapela permite que o áudio seja captado sem que a presença do repórter seja evidenciada, distanciando o produto de uma matéria tipicamente factual, diária.

Dois dias depois, seguimos para a creche do Almir do Picolé onde foi filmado o dia-a-dia das crianças, as dependências e as atividades desenvolvidas na instituição. Na oportunidade, o ambulante também descreveu um pouco da sua história e de como consegue manter o trabalho solidário. Foi gravada uma passagem do repórter Mairon Hothon também com o microfone de lapela em frente à Creche Solidária no bairro Piabeta. Durante todo o processo da captura das imagens, os alunos da disciplina colaboraram com o cinegrafista no processo das tomadas e movimentos de câmera que deveriam ser usados.

Jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e dos corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, Clovis apud PATENOSTRO, 2006, p. 85).

Tendo capturadas todas as cenas externas, o próximo passo foi a gravação dos *offs* do texto, e para isso foi utilizado o estúdio da Rádio UFS FM (92.1 MHz) para uma melhor qualidade de voz e edição das ondas sonoras. Concluída essa etapa, fomos para edição do produto que demorou ao todo, dois dias de trabalho. O roteiro que foi feito para a matéria, facilitou o trabalho da editora que trabalhou sob a supervisão dos alunos, editores de imagem, visto que, todos os itens que deveriam ser postos já estavam descritos. Para Paternostro (2006) editar é a etapa final de uma matéria antes dela ir ao ar, significando lapidar o material bruto da reportagem.

Editar é dar sentido ao material bruto. É “montar a matéria”: selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara e objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar uma história que foi apurada, com começo, meio e fim. (PATERNOSTRO, 2006, p. 162).

Finalizado o processo, podemos, em uma rápida síntese, descrever como ficou construída a matéria: *offs*, entrevista, passagem, entrevista, *offs*.

6 CONSIDERAÇÕES

“Os repórteres de televisão precisam ser inteligentes, ávidos, curiosos e persistentes. Estas são as qualidades mínimas que você já deveria possuir antes mesmo de começar a desenvolver a capacidade de se apresentar diante da tela.” (Yorke, 1998, p. 46-47). Sendo uma atividade desenvolvida com intuito de aprendizado, as diretrizes apontadas por Yorke

foram a principal aspiração na elaboração e desenvolvimento da matéria. Além da compreensão do que é possível à TV como linguagem e à TV como vetor e catalizador de ações sociais.

Mas, também, reafirmando o direito a informação como promoção da cidadania, e a importância de uma informação não factual, mas de apelo humano. O fato da matéria não ter sido efetivamente veiculada num canal de TV não limitou nos estudantes de jornalismo a compreensão prática do que é o jornalismo enquanto produtor de cidadania. Fica claro que, apesar dos limitados recursos do meio televisivo, principalmente no quesito tempo, é possível fazer a diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Antônio Cláudio. **A revolução das Imagens – Uma Nova Proposta para o Telejornalismo na Era Digital**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2005.

BRASIL, Antônio Cláudio. **Telejornalismo, Internet e guerrilha tecnológica**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2002.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Jinkings Editores Associados Ltda. 2º reimpressão maio de 2000.

ENTREVISTA DOCUMENTAL para esta **pesquisa acadêmica**. José Almir Santana (médico sanitário e coordenador do Programa de DST/Aids da Secretaria Estadual da Saúde de Sergipe) e Almir Almeida Paixão (responsável pela Creche Solidária do Almir do Picolé), 2012.

INSTITUCIONAL, **Creche Solidária Almir do Picolé**. Disponível em : http://almirdopicole.org/site/?page_id=271 Acessado em 14 de abril de 2013.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo** / Vera Íris Paternostro; colaboração de Eduardo Marotta. 2.ed., ver. e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RAIO X, **Almir Santana**. Disponível em http://www.saude.se.gov.br/userfiles/almir_santana_raiox.pdf Acessado em 14 abril de 2013.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras** / Ivor Yorke: tradução de Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1998.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo – Produção e Técnica**. São Paulo: Brasiliense. 1º reimpressão 1995.